



# JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

ANO 19.º

SÁBADO, 6 DE DEZEMBRO DE 1975

AVENÇA

N.º 976

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

PROPRIEDADE — V.ª e HERD.º DE JOSÉ BARÃO  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
TELEF. 254 LISBOA — TELEF. 361339 FARO — TELEF. 22322 AVULSO 2\$50

## INSISTÊNCIA E ESCLARECIMENTO SOBRE O FLAGELO DA SECA NO ALGARVE

talvez se diga que sou obstinado, ou mesmo enfadonhamente obstinado. Não me acusa a consciência de provocar enfado, porquanto o meu procedimento terá sido sempre em prol do bem comum — «por bem» como diriam as pegas pintadas no tecto do Palácio de Sintra...  
Insisto em destacar o flagelo da falta de chuvas que tão dolorosamente prejudica o nosso Algarve, em especial, porque é, como se sabe, a região de mais fraca pluviosidade do País e também onde menos se tem trabalhado para arrecadar, com avareza, esse bem precioso: a água.  
Desculpem-me a insistência...

Da mesma insistência algo de profícuo já parece querer vislumbrar-se. Isto — diz o ditado e é verdade — de «água mole em pedra dura, tanto dá até que fura», resulta quase sempre. Recuar, desistir, é cobardia. A glória, o sucesso, são para os fortes e obstinados.

Desde há anos que luto na Imprensa, pretendendo sugerir uma solução para obviar a grande carencia de água no Algarve. Uma dessas soluções, como se sabe, é a obtenção de água por meio de furos profundíssimos e dispendiosos, de onde ela é elevada a preço também alto. Quanto mais, e mais profundos os furos, tanto mais di-

ficil será encontrar água em abundância. — E depois?  
Era natural que o meu esforço entusiasta e persistente obtivesse alguns resultados e eis que, com satisfação minha, os vejo surgir. Já se fala e escreve (com o meu incondicional aplauso) que se deve erguer mais barragens e também represas de terra batida, etc.  
Ora, eu pretendo esclarecer um pouco sobre aquilo que bastas vezes tenho escrito:

Não serão muitas as barragens no Algarve: talvez mais uma no rio de Silves, a montante da existente e para reforço desta, e uma outra na ribeira de Odelouca. Isto é tudo o que me consta. Não sei mesmo se para outras ribeiras, das mais importantes do Algarve — Vascão, Foupana e Odeleite — haverá alguma coisa planeada.

Falo obstinadamente em muitas represas, açudes, levadas, de construção económica, feitas de muros

de cimento, de alvenaria, ou paredes de terra batida e que armazenarão muitos e muitos milhares de metros cúbicos de água, por todo o Algarve.

### LEVADAS PARA A REGA DAS TERRAS POBRES

Deixam as ribeiras de correr, em Abril ou Maio, ficando pequenos pegos — aqui e acolá — e tudo está mais ou menos seco em Agosto ou Setembro. Ora, se em fins de Maio, ou Junho, se puder contar apenas com a água retida, serão as levadas (muitas levadas) que não de garantir, até Setembro ou Outubro, a rega de um grande número de hectares de terra pobre transformada em hortas e pomares.

Estarei dentro da razão? Assim me parece, e áqueles que comigo concordam.

Algumas barragens e muitas levadas, aproveitando como longos reservatórios os álveos das ribeiras e mesmo de alguns ribeiros de menor importância e fraco caudal, não só irrigarão terras marginais, evidentemente, mas farão com que seja de apreciável valor a água que, por maior infiltração, alimente as toalhas e veios profundos, como tenho insistido.

Tão aproveitáveis serão a ribeira de Odeleite como a de Algiibre (rio de Quarteira) ou a de Estoi (rio Seco, perto de Faro) e que vem dos lados de S. Brás de Alportel, como a de Alcantarilha ou o pequeno ribeiro do Cadolgo, nos arredores de Loulé e outros, muitos outros mais. Lá diz também o aforismo: «muitos poucos fazem muitos»...

(Conclui na 3.ª página)



Panorâmica da aldeia de Odeleite, no concelho de Castro Marim, situada em região cujas terras poderão beneficiar grandemente com o aproveitamento das águas da ribeira de que a aldeia colhe o nome.

## CRÓNICA DE LISBOA LIXO NA CIDADE

por A. Vicente Campinas

A MADRUGADA é fria, nesta manhã de Outono. Novembro vai a mais de meio. Abana o vento os restos humedecidos da noite. Sopra o vento os papéis vadios, com pretensões de asas. Espalha o vento, por todo o lado, odores de podridão... A cidade parece estar doente. Por todas as ruas, espelhos de miséria e de abandono encostados às paredes, às portas, derramados nos passeios, espalhados por todos os recantos. E o vento gonzando com folhas e fedores, com pessoas e raivas, com humidade e fugidia penumbra.

Pelas ruas da Baixa, homens e mulheres passam em apressados passos. Uns vão em direcção ao rio. Outros vêm dessa direcção. Passa das sete horas. Começou a hora do começo do trabalho. Daí a pressa com que passam as pessoas, que parecem correr.

Nas raras pastelarias a essa hora abertas, acumulam-se os clientes. Apressados, todos. Pelo aspecto material da vida. E também pelas necessidades do estômago, que deve reclamar os seus direitos. Também pelo trabalho, que pede para ser começado à hora certa. Os empregados andam numa azáfama. Mas há um ou outro que não está disposto a acompanhar o ritmo dos companheiros. Parece não querer entender a pressa dos apressados. Dos clientes que chamam, que gesticulam, que dão a sensação de implorar. Bebe-se bebida quente, sugerida pela frieza. E pelo feijum, Café e leite são dos nomes mais ouvidos. Também os de certos bolos familiares, de nome que sugere ambiente de proletários: bolos de arroz, «croissants», etc.

— Cheira muito mal, aqui — disse alguém, enquanto saboreava um  
(Conclui na 4.ª página)

### Actividade das Comissões de Moradores de Faro

Na Conceição de Faro, o M. F. A., solidarizando-se com a Comissão de Moradores, promoveu uma sessão de dinamização cultural com a projecção de vários filmes.

A Comissão de Moradores do Bom João, iniciou reuniões para discussão e aprovação dos estatutos, a qual decorrerá às sextas-feiras, a partir das 21 horas, no ginásio do Liceu.

A Comissão de Moradores da área do Emissor Regional, reuniu em plenário para apresentação do relatório das actividades, e contas.

Por seu turno, o Montenegro prosseguiu as obras de saneamento (água e esgotos) efectuadas pela Comissão de Moradores, em colaboração com o Gabinete do Planeamento do Algarve.

## TEMAS EM DEBATE

DE 25 DE ABRIL A 25 DE NOVEMBRO

Dezanove meses de Revolução, duas datas que marcam fases distintas em todo este processo. No intervalo, houve que clarificar muita coisa e afastar muita gente, nomeadamente, duas breves rebeliões de interesses distintos facilmente detectados (28 de Setembro e 11 de Março).

Mas o 25 de Novembro foi algo muito importante para o desenvolvimento da Revolução e trouxe a depuração das vozes discordantes. A aventura acabou por ser o mito dos pára-que-distas rebeldes. Manipulados por movimentos da extrema esquerda que pretendiam impor a anarquia, a indisciplina e a desordem entre as Forças Armadas com o apoio de alguns dos seus dirigentes, os pára-que-distas de Tanco acabaram por condenar-se a si próprios ao tentar subverter a parte ainda sã do Exército.

No entanto, fizeram perigar a Revolução, não tanto pela adesão que conseguiram nas outras unidades, mas porque o seu movimento abria decerto a brecha para a avançada da direita, o que poria efectivamente em risco as conquistas do 25 de Abril. Hoje, depois do malogro da revolta e da necessária separação dos sectores políticos que nela estavam implicados, ficamos a certeza de que os princípios prometidos há dezanove meses continuarão a ser tentados pelos homens que delinearão a Revolução. Porque afinal têm sido afastados os que não a compreenderam, os oportunistas, os que se perderam pelo caminho, os que foram vítimas das manobras partidárias. Os espíritos puros da Revolução continuam a dirigir os seus destinos. Chegou mesmo a altura de alguns hesitantes fazerem a sua auto-crítica e repensarem a sua verdade política, que talvez não seja aquela a que o povo português aspira. — M. B.

## UM PRONTO-A-VESTIR POLÍTICO

ESTIMADO leitor: tenho a honra de levar ao teu conhecimento a abertura de um pronto-a-vestir político, estabelecimento cuja falta de há muito se fazia sentir nestes tempos conturbados que vamos atravessando, segundo dizem os jornalistas sérios, cuja prosa me faz rir às gargalhadas. Já encontras toda uma gama de artigos indispensáveis ao processo onde estamos inseridos, consoante inevitavelmente afirmam os intelectuais nos improvisos que decoraram durante oito dias.

Assim, por exemplo, vendemos cartuchos de frases indispensáveis a qualquer discurso político que se preze. Há cartuchos para as classes mais desfavorecidas, coisa quase de graça, necessária ao patriota que ocupou uma casa que transformou, claro, em creche, pintando as salas de cor de rosa (que amorofo, só d. Berengária) e pondo um escorregadouro a um canto (ficou

muíto jeitoso, só d. Gomerinda)...  
Género: após o 25 de Abril foi possível, portanto, ao povo, pá, ocupar esta casa, portanto, pá, que estava praqui ao abandono, pá e, portanto, pá, nós pensamos fazer, pá, daqui, pá, uma creche, pá.

Temos para mais caro, com frases preciosas, para comissões de trabalhadores que constituirão uma cooperativa e estão a ser en-

(Conclui na 3.ª página)

### JORNAL do ALGARVE

NOSSO prezado colega «Gazeta do Sul» transcreveu o Tema em Debate que há semanas inserimos sob o título «O jornal que o leitor deseje», do nosso dedicado colaborador M. B.

## NOTA da redacção

AO tentarmos compreender os últimos eventos políticos no País, uma pergunta se nos impõe: quando forças de esquerda, num esforço grandemente improvisado, se movem para conquistar posições, o que as leva a agir? Parece-nos possível supor que ao passarem à ofensiva essas forças o fizeram na convicção de que a sua influência (ou até existência como tal) estava ameaçada. O mesmo critério, de resto, será aplicável às direitas, quando das movimentações de 28 de Setembro e 11 de Março.

Com efeito, nos últimos tempos acumulavam-se as medidas de sufocação das esquerdas. Foram, para citar apenas alguns casos, os saneamentos, a violência contra figuras e estabelecimentos progressistas, a terrorização dos jornais e da Rádio, a incapacidade de diálogo com as massas trabalhadoras, de controle cada vez mais difícil, e o envolvimento do VI Governo com forças partidárias de acção objectivamente anti-esquerdas. Perante a tendência desenhada neste quadro, produziu-se a movimentação dos pára-que-distas (que tentavam remover o chefe do Estado Maior da Força Aérea) logo aproveitada por elementos de esquerda que julgaram chegado o momento de fazer pender a balança para o seu lado. Os cálculos estavam errados e a operação falhou. Infelizmente, os motivos que a ditaram não desapareceram e não pode prever-se uma estabilização, a menos que os governantes desistam de uma linha considerada lesiva pelos trabalhadores.

Para o VI Governo (que já entende reunidas as condições de governação) abrem-se duas vias: a implementação da disciplina civil e militar com recurso à repressão, ou o compromisso com as esquerdas, que será fortemente contestado pelas classes eventualmente prejudicadas. Se alguma

### QUE GOVERNO DARÁ O VI?

coisa compreendemos do processo, essa contestação agudizar-se-á na medida em que avançar uma política socialista e, finalmente, os governantes serão colocados na contingência de se definirem.

A primeira via não é uma solução. Não passa de um acumular de tensões até se alcançar a rotura. A segunda, implica uma definição difícil e improvável.

Será possível um terceiro caminho intermédio, tanto do agrado de certas camadas? Dadas as características da nossa economia, não parece que esta terceira via possa ser trilhada por muito tempo. Ensaída pelo governo de Marcelo, apenas conduziu a novas contradições, a uma emigração em massa, a acentuar da macrocefalia nacional com o inevitável distanciamento dos níveis intelectuais e económicos, enfim, ao protelar da justa estabilização que os povos ambicionam.

Neutralizadas as forças mais radicais do M. F. A., a nova esquerda do Conselho de Revolução — materializada no Grupo dos Nove — talvez tenha uma palavra a dizer.

## SEMINÁRIO SOBRE PRODUÇÃO ANIMAL EM FARO

A NECESSIDADE de infra-estruturas industriais de âmbito regional para tratamento da produção leiteira de ovinos e caprinos e sua transformação em queijo, foi apontada no decurso de um seminário sobre produção animal, efectuado em Faro, por iniciativa da Intendência de Pecuária do Distrito, e que teve a presença de veterinários de todo o Algarve.

Os trabalhos iniciaram-se com a apresentação do tema «O veterinário e a economia pecuária», a cargo do dr. Manuel Boavida. Este tema, tal como os que se lhe seguiram, deram motivo a animados debates. Foram apresentadas comunicações sobre «Suinicultura» (dr. Lino Neto), «Avicultura» (dr. Vieira Castro), «Produtividade e rentabilidade de exploração pecuária» (prof. dr. Apolinário Portugal), «Bovinicultura e melhoramento zootécnico» (dr. José Ralo) e «Cunicultura». Encerrou o seminário um debate sobre «O futuro das raças algarvias» em que foi apontada a inviabilidade de melhoramento da raça bovina e o interesse existente em manter e melhorar as raças ovinas e caprinas algarvias, procedendo-se também à sua selecção, considerando a sua dupla vocação de animais produtores de carne e de leite. Em relação à produção leiteira destes ovinos e caprinos, foi referida a necessidade de infra-estruturas regionais industriais para se obter a transformação em queijo, o que incrementaria a criação. O leite ora recolhido é enviado para Beja e depois para o Crato para a transformação em queijo, dada a inexistência de instalações no Algarve.

### ABC SOCIAL

## EXPLORADOS E EXPLORADORES

por Antero Vila Nova

O OPERÁRIO é um homem que é obrigado a vender a sua força de trabalho, para poder viver. Vende a força dos seus braços e do seu cérebro a outros homens para conseguir o pão de cada dia. Porque, em todas as sociedades, os homens produzem, utilizando diversos meios (terras, máquinas, ferramentas, fábricas e oficinas, meios de transporte, etc.) tudo a que se chama: meios de produção.

Desde que ele não possua os meios de produção (e é o caso de milhões e milhões de trabalhadores), o homem tem, para poder viver, de trabalhar para os outros. Em regime capitalista, o homem

desprovido dos meios de produção vende aos capitalistas a única riqueza que possui: a disposição dos seus braços e do seu cérebro, isto é, a sua força de trabalho.

O homem procura ser admitido nas fábricas, nos estaleiros, nas oficinas, em todo e qualquer lugar de trabalho, porque, na sociedade  
(Conclui na 4.ª página)



JANELA DO MUNDO



pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

### INFORMAÇÃO E IRRESPONSABILIDADE

VÁRIAS vezes, aqui, neste jornal, chamámos a atenção para a importância dos meios da informação no contexto social, nomeadamente numa sociedade em evolução como a nossa. Só um critério de verdade nos poderia servir a fim de fazer acordar a população da longa letargia em que o regime de censura fascista a tinha lançado.

A instrumentalização partidária de alguns órgãos de informação contribuiu, pois, para criar uma falsa visão de determinados acontecimentos que nestes últimos meses foram bastante significativos em todo o nosso panorama político. Basta citar, como exemplos, as manifestações dos SUV, o desaparecimento das armas e sua entrega a elementos civis, o caso da Rádio Renascença, a saída dos oficiais da  
(Conclui na 3.ª página)

## saúde é a maior riqueza

PILHANDO O INIMIGO...

A mais perigosa das afecções dos dentes é a que se localiza no ápice da raiz. Os garmes causadores dessas afecções, produzem pus, dando origem ao abscesso. Em certos casos, podem passar a outros pontos do organismo, originando lesões e complicações, algumas bem graves.

Procure descobrir a tempo os abscessos da raiz, tirando uma radiografia, dos dentes cariados e obturados, ao menos uma vez por ano.



CRÓNICA DOS DIAS • por Sequeira Afonso

"MANIF-WEEK-END"

A manifestação política não é acontecimento de hoje nem de ontem. Sempre — com maior ou menor amplitude — as pessoas vieram para a rua: saudaram reis que regressavam da caça ou de retemperantes curas de águas; ovacionaram republicanos que voltavam a penates, depois de um curto exílio no estrangeiro; endusaram um ditador fascista que viera, como «salvador da Pátria», das bandas de Santa Comba Dão...

Particularmente após o golpe militar de 28 de Maio de 1926, até 25 de Abril de 1974, as manifestações tomaram um cariz especial: os batedores de palmas eram arregimentados nas aldeias e vilas da província, a troco de uma viagem à capital do Império e de umas «massas» para comes-e-bebes. Eram os caciques locais, os «respeitáveis», que tratavam de contratar a maralha, que lá convergia, entre alegre e ruidosa, para o Terreiro do Paço ou para outro «lugar do estilo», a fim de demonstrar aos contestadores internos e externos que a nação era «una e indivisível» e que só os maledicentes afirmavam (ousavam proclamar) que o rei ia alarvemente nu...

Entretanto, as manifestações continuam sendo o pão nosso de cada dia (amen). São de apoio ou de protesto, são disto e daquilo ou antes pelo contrário... A verdade inofensível é que estamos perante uma «inflação» de manifestações, que uma boa economia de tempo deveria pura e simplesmente desconvoar. A «manif-week-end» (manifestação de fim-de-semana) está a tornar-se mesmo um hábito de certos reprodutores de frases feitas. De tal modo, que apetece perguntar se este País não necessita, todos os dias, do trabalho transformador de todos nós. Manifestações, sim... mas devagar!

(Nota final: para que fique bem claro que não sou contra as manifestações «em si», proponho que se faça, onde for mais conveniente, uma «manif-week-end» de apoio àqueles que, aos sábados e domingos, e depois de uma semana de trabalho intenso, ainda arranjam forças e querer para ajudarem, por exemplo, o movimento cooperativista, que em certas zonas já vai criando raízes. Não se pode dizer que não seja uma justa «manif»...).

À FUSETA

Fuseta, casta princesa, Bem podes ter a certeza: Como tu não há igual; Com tua brancura infinda, Ó Fuseta, és a mais linda Das terras de Portugal!

Fuseta, terra de encanto, Das açoteias em branco Com chaminés a fumar; Quem lá vai, olha-te, exclama, E é por isso que te chama A «branca noiva do mar».

Fuseta, tens tradições nas festas, nas procissões Percorrendo a terra inteira; Nesses dias de mais «charme» Passa a Senhora do Carmo Que é a tua padroeira.

Tens belas praias banhadas, Na pesca tens as caçadas Que te dão peixe fresquinho; Fuseta terra de amigos Tens passas, uvas e figos E fama do melhor vinho.

Tens também os «miradores», Um bairro de pescadores, E um largo com palmeiras; Fuseta que tudo tens Até, Fuseta já vens Nas revistas estrangeiras.

Noruega, 17-11-75

Joaquim Ventura Jacinto Francisco Viegas Matias

Insistência e esclarecimento sobre o flagelo da seca no Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

Água obtida com pouco dispêndio, custeado, em parte, pelos interessados — pequenos agricultores minifundiários com terras perto das ribeiras — poderá ser compartilhada por todos e de acordo entre todos, economicamente elevada de pequeno desnível até ser distribuída e espargida pelas terras ávidas de humidade, para bem produzir. E aqueles que possuam terras de boa cultura fora deste âmbito, mas não distante dele, ainda podem beneficiar; porque a infiltração proveniente da repressão de águas influenciará muito nos furos ou noras que abrirem, sendo bem patente a abundância.

Sugerindo, insistindo e esclarecendo faço por servir o meu Algarve, contribuindo, se possível, para a prosperidade da grande família algarvia, que minha é, também.

Lisboa, Novembro de 1975

J. de Barros Santos

ENSINO NO ALGARVE PRIMÁRIO

Foram nomeadas professoras agregadas, as sr.ªs D. Maria Cecília Pereira Cavaco Rodrigues, D. Maria Adelaide da Palma Gil, D. Maria Teodósia de Jesus Peres Madeira, D. Angelina Rosa Pires Correia, D. Luísa Maria Leandro Gonçalves Nunes Calvário, D. Maria Rosário Gabriel dos Santos Marcos, D. Aliete de Santa Clara Brito, D. Francisca Maria Marques Arrais Lopes Ferreira, D. Maria Ângela Cavaco Moutinho Fernandes Amem; D. Maria Encarnação Marreiros Alves, D. Jovita Augusta dos Santos Sérgio, D. Juvenália da Conceição Figueiredo Bentes, D. Maria Elisabete da Silva Ricardo Vinhas Figueiredo, D. Maria Helena dos Santos Pelicano, D. Maria Ivone dos Santos Lucas, D. Maria Rosária Marcelo Vitorino Martins, D. Maria Soeira dos Santos, regente escolar do posto de Falação, Faro; D. Maria Emília da Silva Valente de Sanches Vicente, D. Lisídia Maria Viegas Soares Freire, D. Maria Adelaide Pedragosa Quintino de Sousa; D. Maria Helena Quadros Corte Real Ribeiro, D. Maria Odília da Palma Guerreiro e o sr. Vítor Manuel do Carmo Santos.

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

Base de Tancos. Todos estes factos foram mostrados à população através de jornais manobrados por homens irresponsáveis que punham o seu partido acima da idoneidade profissional.

Mentindo aos leitores, dando-lhe uma visão parcial dos acontecimentos, esses jornais criaram um falso clima e contribuíram bastante para o ambiente de confusão que em certa altura se generalizou nos meios de comunicação. Com a agravante de que esses jornais eram, na sua grande parte, pagos pelo próprio Estado cujas estruturas eles estavam minando.

Ao esquecer os interesses das maiorias, ao defender posições minoritárias e sem implantação nacional, alguns desses órgãos de informação cavaram a sua ruína, desprestigiando-se, porque, simultaneamente, proclamavam o seu apartidarismo e independência. Daí o contrassenso da sua actuação que pôs em risco a sobrevivência de milhares de trabalhadores.

Chegou a altura de reverem essa posição e de repensarem na melhor maneira de servir uma profissão que se tem de basear na verdade e na idoneidade de processos. Se assim não acontecer, então o jornal deverá definir-se politicamente e não enganar os leitores.

Mateus Boaventura

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

Edital

Eu, Mário da Silva, eng.º-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis,

Faço saber que TORRALTA — Clube Internacional de Férias, S. A. R. L., pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases de petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 3 000 litros, sita na Praia Verde, freguesia de Castro Marim, concelho de Castro Marim e distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência, n.º 241, de Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 1 de Outubro de 1975.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição, Mário da Silva

Um pronto-a-vestir político

(Conclusão da 1.ª página)

trevistados, tipo: bem, este nosso esforço vem ao encontro do povo porque nós queremos é que o povo sim esteja bem, não é? Isto é a bem do nosso povo, o interesse do nosso povo exige que todos os esforços e trabalhos para produzir mais e melhor... para bem do nosso povo...

Há, finalmente, cartuchos da mais alta qualidade, com citações dos autores mais em voga e frases do mais precioso recorte intelectual; assim: o processo dialéctico sócio-político que se está desenvolvendo no mundo socialista onde nos queremos inserir e que tem de ser pluralista, unitário, indivisível e apartidário pois, como diz Lenine (ou Mounier, ou Sartre, ou Santiago Carrilho, ao gosto do freguês) as revoluções não se pensam, fazem-se e depois logo se vê o que dali sai...

Temos, também, um variado «stock» de barbas e bigodes para uso de revolucionários de café, à Fidel de Castro, à Guevara, bigodes à Stalin, à Oh Chi Min e, o mais moderno, o bigode e péra à Ovomaltine, para uso de revolucionários convalescentes.

Não deixe de visitar a nossa secção de manifestações, onde encontrará tudo que precisa para organizar uma manifas de estilo e de classe. Megafones Parlenkoff, estereofónicos de quatro bandas, com ou sem palavras de ordem acopladas, bandeirinhas de todos os tipos, cores e tamanhos, panfletos, cartazes com palavras de ordem, anedotas, calúnias, boatos, insinuações, até mesmo manifestantes, tudo podemos fornecer ao estimado cliente e fervoroso patriota. E ninguém diga desta loja não gastarei, pois, da forma como as coisas estão correndo, quem pode garantir que não venha a precisar duma manifas? Vamos supor que o estimado correligionário estava à espera de ser promovido e vai de lá promovem o Serapião sob o reaccionário pretexto de que ele tem mais dez anos de bom serviço do que o meu estimado freguês. Que fazer? Pois dirija-se à nossa organização e encomende uma boa manifestação. Por 50, 60 contos terá uma manifestação muito feita, com algumas dezenas de manifestantes (que jornais amigos se encarregarão de multiplicar por 10 ou mesmo 20, consoante a gorjeta), cartazes com dísticos tais como «fascistas despromovidos já» e até, por um pequeno preço extra, provocadores para dar autenticidade à mercadoria.

Brevemente abrirá uma secção especializada em artigos para golpes de mão (novos e em segunda mão), golpes de Estado, contra-golpes, com preços para todas as bolsas, desde o tipo utilitário, para fins de semana, com dois ou três soldados e uma ou duas G3, um chaimite alugado à hora ou ao quilómetro e ¼ ou 5 horas de conversações, até coisa mais cara, com helicópteros para fugas, quartos

alugados em hotéis de luxo em países estrangeiros e entrevistas no exílio a jornalistas, com ou sem retrato em revistas ou periódicos, nacionais ou estrangeiros.

Cá fico esperando as estimadas ordens de V. Ex.ª.

Afonso Castro Mendes

MÁRIO SANTOS

MÉDICO ESPECIALISTA

DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA FRANCISCO GENTIL

DOENÇAS DE SENHORAS

Consultas: Outubro, 25; Novembro, 8-29; Dezembro, 13-27, marcações pelo telefone 42378 — Monte Gordo.

Consultório: Rua 10 — Monte Gordo, junto aos apartamentos Monte Sol.

Utilidade às quatro rodas!



Renault 4

Tome descontraidamente, o seu lugar de condutor: Confortável, não é verdade?

O desenho dos assentos foi estudado por fisiologistas.

Faça a ligação e arranque: Que tal? Maleável, com genica, tal como você gosta — Motor de 852 cm, velocidade: 110 Km/h.

Siga para a estrada: Vá reparando nas qualidades de estradista do Renault 4.

Que nervo! E que segurança?

Tracção à frente. Travões com repartidor de pressão.

Entre em terrenos difíceis:

O Renault 4 ri-se dos maus caminhos — Suspensão por barras de torsão, de grande elasticidade e resistência.

Abra a 5a. porta:

Repare na quantidade de volumes que pode transportar!...

296 dm3 à 1185 dm3, por rebatimento do banco traseiro.

Ao fim de uns milhares de Kilómetros faça contas: Sem lubrificação. Mudança de óleo cada 5.000 Km. Pouco consumo.

Uma verdadeira economia.



Livre-se de preocupações com o automóvel.

UTIC-FILIAL

Rua General Teófilo da Trindade

FARO



RENAULT

A. Amândio de Oliveira

MÉDICO ESPECIALISTA DOENÇAS DA BOCA E DENTES

Consultas às 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª, às 17 horas, na Avenida S. João de Deus, 46 r/c Esq.º PORTIMÃO — Telef. 2 41 74

JOÃO MAXIMIANO LUÍS F. MADEIRA

advogados

r. conselheiro bivar, 10-1.º tel. 24036 — FARO





## BRISAS do GUADIANA

### Agradável serão artístico em Vila Real de Santo António

EM colaboração com a Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, o INATEL — Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, promoveu no Cine-Foz, desta vila, uma jornada artística que se revestiu de inegável interesse. Constatou a mesma da apresentação das óperas cómicas «O telefonista», com música e libreto de Gian Carlo Menotti, e «La serva padrona» (A criada patroa), com música de Giovanni Battista Pergolesi sobre libreto de Gennaro Antonio Federico.

«O telefonista», em um acto, numa encenação de Carlos Wallenstein, teve como intérpretes Helena Pina Manique, em «Lucy» e Hugo Casares, em «Ben». Graciosa sátira ao uso e abuso daquele útil meio de comunicação por quem pouco mais teria que fazer para ocupar os continuados ócios, a peça encontrou um desempenho à altura, quer no aspecto lírico, quer no da movimentação e jogo fisionómico das personagens.

Nos dois actos de «La serva padrona», encenados por Giovanni Buyer, tivemos Elisette Bayan na criada «Serpina»; de novo Hugo Casares, em «Uberto», um patrão à antiga a quem a criada não encontrou muita dificuldade em transformar em marido; e Rui Represas no mudo e bem achado «Vespones», o servo de quem «Serpina» fez um aliado para mais depressa conquistar o patrão. Casares evidenciou em pleno os seus magníficos dotes vocais, num desempenho cheio de naturalidade, imprimindo notável expressão à principal ária do primeiro acto. Elisette denotou também perfeita integração no seu «malicioso» papel, mostrando recursos vocais que a acreditam como uma das melhores sopranos da Companhia Portuguesa de Ópera onde, com os restantes, se integra e que muito será de lamentar se, como se diz, tiver de desanarecer.

Igualmente dignos de menção nos pareceram os adequados cená-

rios e guarda-roupa, a condizer com as épocas em que as histórias decorriam.

Olga Prats foi «ela mesma», autêntica «virtuosa» do piano no difícil acompanhamento de ambas as óperas, em perfeita simbiose com as vozes e dando o devido realce aos trechos e momentos que o exigiam.

Maria Helena de Freitas, bem conhecida do público vila-realense através de outros bons momentos de arte, foi a atenta explicadora dos enredos, motivos e biografias, não lhe «fugindo» a necessidade de, embora ao de leve, chamar também a atenção do público para os melhores trechos a ouvir ao longo do programa.

Antes do início do espectáculo, Pedro Medina, animador cultural da delegação do INATEL em Faro, referiu os propósitos do organismo no sector teatral, apelando para o aproveitamento dos valores locais e regionais, a que o INATEL não faltaria com o seu apoio.

De parabéns estão, portanto, pelo alto nível do serão que propiciaram, os artistas seus intervenientes, o Inatel, a edibilidade e aquela centena e picos de vila-realenses que conseguiram vencer a indecisão do «ir ou não ir», não sabendo talvez se valeria a pena, e acabou por dar por muito bem empregado o seu tempo e os sete escudos de meio, preço simbólico de cada bilhete, tributando a toda a simpática e categorizada caravana artística, justíssimos e prolongados aplausos.

J. M. P.

JORNAL DO ALGARVE  
lê-se em todo o Algarve

## TRIBUNA LIVRE

### DOA A QUEM DOER

por J. Santos Stockler

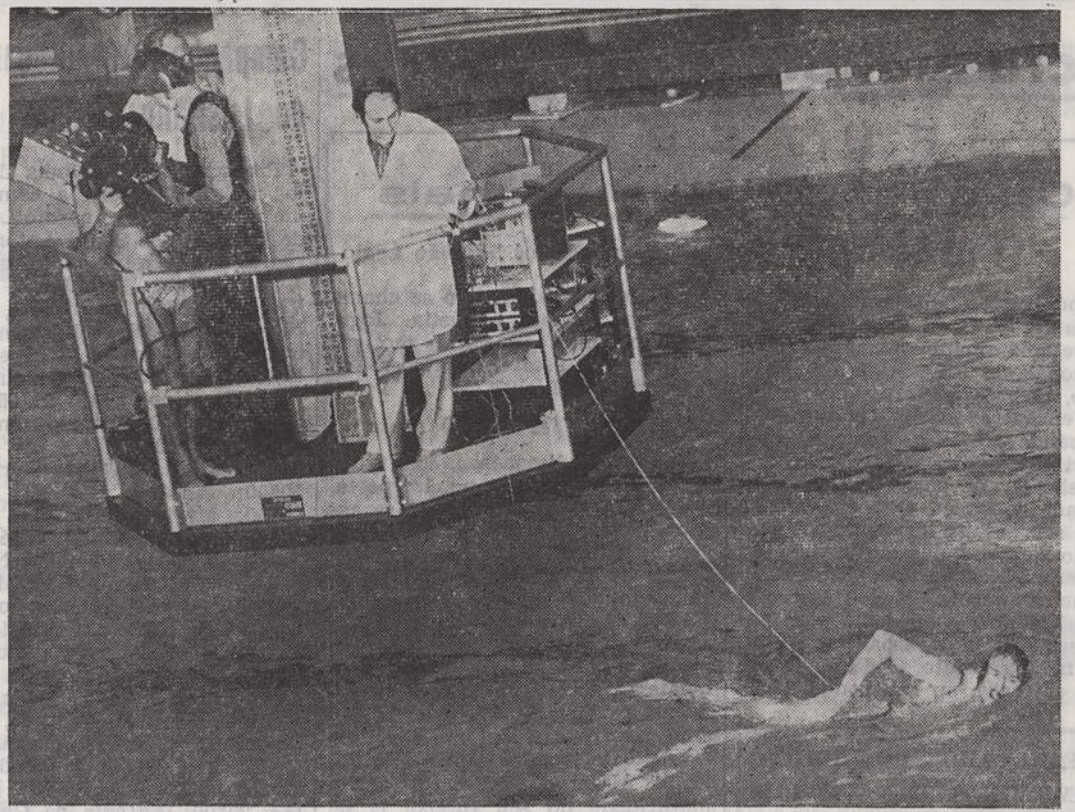
DOA a quem doer, temos que ter bem presente que apenas a verdade é realmente revolucionária. Por este facto, como os próprios revolucionários e também os pseudo-revolucionários sabem, mas fingem ignorar, o que ainda mais os desautoriza, quer política, quer moralmente, nós portugueses, não obstante os nossos já bem longos anos quer de pseudo-estágio político, quer de pseudo-maturidade político-ideológica, mais ainda não passamos, infelizmente, de ingénuos bebês no «berço» do socialismo, por mais que se esgrima contra todos os moínhos de vento da fantasia ideológica.

Por isso, tanto o socialismo como o próprio comunismo, jamais poderão ser apontados às massas como mercadorias de importação, mas sim para cultivo próprio de cada um de nós, segundo a nossa mentalidade, a nossa maturidade e o nosso próprio temperamento. Assim, jamais estas doutrinas, ditas socialistas, poderão ser negociadas aqui e ali, como pretendem certos doutrinadores da política nacional, convencidos de que, por serem um pouco mais inteligentes do que os outros, sabem melhor do que esses mesmos outros, aquilo que lhes convém e aquilo que não lhes convém — quando, na maior parte dos casos, tais pseudo-doutrinadores nada mais sabem que usar a retórica em vez da verdade, por saberem, precisamente, que apenas a verdade é revolucionária.

Por certos indivíduos terem estagiado no estrangeiro aquilo que era seu dever estagiar no próprio País, através do labor diário, quer nas fábricas, quer nas oficinas, quer nos campos, quer entre as ondas atlânticas em horas de perigo, isso em nada os autoriza a arrogarem-se doutrinadores e muito menos de profissionais, numa profissão que nunca exerceram. Apenas aqueles que conhecem o trabalho através da sua profissão, sentem o sacrifício do esforço e o valor desse mesmo trabalho. Portanto, só eles estão realmente autorizados a escolher o curso geral do seu destino, e não aqueles que, do trabalho, apenas conhecem a face da retórica usada em defesa própria e da sua ideologia, mais importada do que propriamente sentida e vivida. Por isso mesmo, só os que já sentiram na própria carne o que seja o sacrifício, quer da luta do trabalho quer da luta ideológica, sabem destrinçar o que é realmente a luta pessoal e a luta colectiva. Quer isto dizer, que apenas aqueles que comem o pão amassado com o suor do próprio

### Comissão de Trabalhadores dos TAP em Faro

REGISTOU 115 votantes o acto eleitoral da comissão de trabalhadores da representação dos TAP em Faro. Funcionaram duas mesas eleitorais, uma na representação e outra na escala, sendo presente a sufrágio apenas uma lista, denominada «A», que tem a seguinte composição: serviços comerciais, Luciano Seromenho (89 votos); serviços administrativos, Ludovina Santana (87 votos); secretaria da escala, Maria Lucilla Amaro (90 votos); placa, Manuel António Gonçalves (88 votos); Bento Alves Duarte (90 votos), Edmundo Faleiro Pimpão (85 votos) e Constantino Lopes Henrique (84 votos). Foram declarados nulos 18 votos.



No centro de treinos da Federação Alemã de Natação, em Colónia, treinadores e cientistas entram num veículo parecido com uma gaiola, o qual foi apresentado, há pouco, ao público e é único no género, no mundo. Movimenta-se preso num trilho, 50 metros acima da piscina, e os observadores podem acompanhar os treinos de posição excepcionalmente boa. Os nadadores são ligados por um fio muito fino com a gaiola, que dispõe de aparelhos para exames cardíacos e do aparelho circulatório, bem como do consumo de oxigénio. Por meio de um vídeo-recorder, podem ser registados e controlados ao mesmo tempo todos os movimentos dos desportistas. Os cientistas esperam obter desta inovação novos conhecimentos na bio-mecânica, fisiologia e cardiologia, dados importantes para a medicina desportiva.

## NOTAS DE VIAGEM (III)

### VIAGEM ATORMENTADA

DUMA outra vez, também recentemente, tivemos menos sorte, na viagem. Couberam-nos, como companheiros de compartimento, uns velhos jarretas, menos idosos que nós. Isso até seria interessante se... se a mulherzinha gorducha, na casa dos sessenta, tivesse a virtude de não se «deixar cheirar»... Ou, então, pudesse ter por companheiros de viagem pessoas sem olfacto. Cheirava mal que tresandava! De sujidade das roupas? Do sezo? Que podemos saber, nós? Ficámos horrorizados com a ideia de tê-la que suportar durante a longa companhia, talvez cerca de trinta horas; melhor seria que não fosse muito além das vinte, tudo dependia do lugar para onde ia. Não era um fedor normal de pés, sugerindo queijo mal cheiroso, não. O chulé tem um fedor característico. Muito diferente. O que se exa-

lava desta mulherzinha de lenço na cabeça, era muito mais incomodativo. Nos primeiros instantes desse contacto, os vômitos pareceram solicitar uma saída. Abrimos a vidraça do compartimento, fazendo apelo à aragem, fria aragem, de um Outono encharcado. Mas, à ideia de que teríamos de coabitar nesse cubículo durante tantas horas, que teríamos de dormir nessa mistificação de cama, que são as «couchettes», respirando a noite toda tal «perfume», fez-nos perder o gosto pela viagem. E o sono, também.

Soubemos, mais tarde, que a mulherzinha fedorenta ficaria em Vilar Formoso, primeira das terras portuguesas que o comboio abordaria, ainda com a manhazinha a estremunhar-se... Afinal, o martírio ficaria reduzido em várias horas. Seria, por isso, um martírio de apenas vinte e duas horas, em vez das vinte e oito que duraria a viagem até Lisboa. Felizmente, dissemos.

Pela noite, quatro dos seis componentes desta forçada coabitação foram jantar ao restaurante. A mulherzinha e o outro companheiro de viagem, da mesma bitola em idade e em cheirete, ficaram no cubículo, a comer quanto traziam para esse efeito. O sujeito parecia-nos atirado dado que, durante as horas de viagem em terras francesas, tinha atirado algumas «rasteiras verbais» a essa companheira de circunstância. Pela certa que o seu nariz deveria funcionar bem mal, para se deixar ficar a fazer «pé de alferes» a tão «desperfumada» criatura...

No vagão-restaurante, o apetite fez-nos manguitos, porque não houve maneira de vencer aquela pesada sensação de nojo e de vômito que a lembrança próxima nos tinha forçado a aceitar. Ou a não aceitar. Sorrimos, ao pensar no prazer que o sexagenário poderia estar a sentir junto da companheira de compartimento, pois que, pela certa, o seu olfacto não deveria ter recuperado as qualidades perdidas, ou atiradas...

De regresso do vagão-restaurante, outra vez encaixado nos reduzidos metros desse compartimento-tortura. Houve conversas que interessavam três dos que, durante o jantar, tinham bebido um pouco mais do que nos parecia normal. Um deles, mostrava notas de vários países. Notas de Banco Alemãs, francesas, italianas, espanholas...

— E essa, que nota é? — perguntou a mulher, de olhos es-pantados e cubitosos, olhando-se na curiosidade em que os outros mostravam estar enredados.

— É uma nota de cem francos.

— Dos franceses?

— Não senhora, tiazinha. São francos «belgícos».

A conversa foi-se prolongando, com assuntos de somenos importância para a mulher. Bocejando com frequência, acabou por pedir que apagássemos a luz, que eram mais que horas para dormir.

Forçando o cansaço e o sono, fui para o corredor, tentando acomodar-me à ideia de que cada pessoa é como é. E que nada resolve tomar certas atitudes de repugnância em face de outros humanos menos educados sob o aspecto de higiene e outras «bagatelas»...

## À BEIRA DO GUADIANA...

por Dom Carlos

«O UVE lá, ó Zé, então o rouxinol que você me vendeu, pá, é maneta, quero dizer, é coxo, mó! Você é um grande aldrabão, afinal... e não é coisa que se faça a um amigo, ainda por cima um que anda todos os dias a pagar-te copos e mais copos! Isso, efectivamente, pá, sim, efectivamente...»

O Zé olha para o amigo e, com o seu sorriso habitual, sem pestanejar, responde: «Ah! Essa palavra, essa palavra, não posso mais com ela». «Mas qual palavra? Aldrabão? Até é boa demais para ti, e se não sabias, olha, pois fica sabendo...» Mas não, não era isso, explicou o Zé: «parece estar na moda, toda a malta a ser entrevistada na TV e na Rádio, desde as comissões de moradores ou de trabalhadores até aos generais e professores, enfim toda essa malta não sabe usar outra palavra! E efectivamente para a esquerda, efectivamente para a direita, enfim, a palavra serve para tudo e para todos, já notaste?»

Exasperado, o outro, punhos cerrados no ar (para não dizerem que era anti-comunista ou anti-socialista, pois claro!), grita: «quero lá saber de ti, sim, efectivamente...»

ber das palavras ou palavras que essa gente usa ou não usa! Já estás a mudar de conversa... Tu vendeste-me um rouxinol coxo, tás a ouvir? Coxo! Espantado, o Zé diz, com muita calma: «ó meu bom amigo, ó meu caríssimo amigo, mas isso não é aldrabice nenhuma! O rouxinol não canta? E não canta mesmo lindamente? Vá lá, calma calma... canta ou não canta lindamente?». «Pois cantar, canta, isso é verdade... Mas, efectivamente...» «E pá, não me digas essa palavra! Já te disse que não posso com ela... Pois canta, pois canta e lindamente. Ora tu querias um pássaro para cantar ou para dançar?»

«Ai, sim, efectivamente...»

Esta anedota não é original, já tem barbas, como diz o vulgo. E o leitor terá reconhecido nela uma de tantas que se vão infelizmente esquecendo, de tantas que tornaram famoso o Zé Aranha, algarvio desta região.

Como essa, do polícia a bater no banco do jardim, à beira do Guadiana, a bater, a bater com a «casca-têta», a acordar o Zé Aranha que, sobre esse banco, dormia descansado. Levanta-se ele estremunhado: «Tchê pá! Então isso faz-se? Que raio de barulho é esse que você está fazendo? Ainda por cima um polícia...» Diz o polícia: «ó amigo Aranha, mas é que você não pode dormir aqui...» Ri-se o Zé, e responde, deitando-se novamente sobre o banco: «Mas que grande novidade... Como é que você quer que eu durma aqui com tanto barulho, que você tem estado a fazer! Ora essa está boa, sim senhor! Vá mas é passar, deixe-me dormir que eu estou mesmo estroado... boa noite!»

### NO SITIO DO PERAL S. Brás de Alportel

Vendem-se 2 camions de carga em excelente estado de conservação, de peso bruto 13 000 e 16 000 kg., basculantes e tudo em ferro, por motivo de retirada do seu proprietário.

Tratar pelo telefone n.º 42390 de S. Brás de Alportel.

dar-me à ideia de que cada pessoa é como é. E que nada resolve tomar certas atitudes de repugnância em face de outros humanos menos educados sob o aspecto de higiene e outras «bagatelas»...

Devorando a negridão que devorava as terras espanholas, na longa travessia nocturna, o comboio embalsava-nos, machucava-nos, com excusadas violências.

Madrugada adentro, não pude resistir mais ao cansaço. Resolvi estender-me na «cama». Mas era demasiado tarde, demasiado manhã, para poder adormecer. Fui lavar os olhos para poder estar bem desperto, quando o dia nascesse.

António do Rio

## ANDARES — VEMBEM-SE

ZONA DO FAROL  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Prontos a habitar. Facilita-se pagamento. Informa telefone 493 — Vila Real de Santo António.



**CASA NOBRE**  
Mobílias — Decorações  
Carpets — Passadeiras — Colchões Epeda  
Delta-Loc e Lusospuma

Sede em FARO: Rua Rebelo da Silva, 31 — Telf. 23001  
Filial em PORTIMÃO: Rua João de Deus, 40 —  
Telefone 22624